

PRODUTOR: Emissora Nacional

RDP

Nº. de referência: 2

Título: A LEONOR VIAGADA

Título da Série: MINITEATRO

Autor (obra original): TORGA, MIGUEL

Adaptador: JACQUES, EDUARDO

Realizador: ?

Locutor: ?

Data de produção: 20/5/1975

Data de Emissão: 28/5/1975

Nº. de Episódios: 1

ACTORES	PERSONAGENS
ANA PAULA	LEONOR
ANGÉLA RIBEIRO	JÚLIA
MÁRIO SARGEDAS	REFECTIONISTA
GRACIA VITÓRIA	HOSPEDÉ
ADELAIDE FOUA	1.º E 2.º MULHER
ZÉLIA ROSA	2.º, 5.º, 9.º "
ANA LÉ MATRÉ	3.º, 7.º 11.º "

Estado de conservação: Bom Razoável Mau

Tipo de Suporte:

Original Cópia

Registo Sonoro: Sim Não

Nº do Registo Sonoro:

106ers

(V.S.F.F.)



Notas:

- DIREC. ARTÍSTICA - CARMEM DOLORES

Indexação: - TEATRO RADIODÔNICO

Título "A LEONOR VIAJADA"
 Conto de MIGUEL TORGA
Adaptação radiofónica de Eduardo Jacques

SERVIÇOS CRIATIVOS	
PROGRAMA N.º	100
DATA DE FATO	20 MAIO 1975
PEDIDO A CRIATIVO	
A GRAVAR EM 28/5/75	
HORA	10.00
NUMERO DO REGISTO	
DE GRAVAÇÃO	

PROGRAMA	19
DATA DE 21/6/75	
13 - 15 HORAS	
VISTO	
<i>[Signature]</i>	

Personagens:

Vozes principais

Vozes masculinas - Apontamentos

*Estas quatro mujeres podem desdobrar as vozes, das res-tantes mulheres, da seguinte forma:
Voz aguda, Voz grave e off.*

<u>Leonor</u>	(4 falas)
<u>Júlia</u> <i>ângela Ribeiro</i>	5 falas Adelaida Freitas
<u>Recepcionista</u>	
<u>Hóspede</u>	1 fala
<u>Primeira Mulher</u>	
<u>Segunda Mulher</u>	
<u>Terceira Mulher</u>	
<u>Quarta Mulher</u>	
<u>Quinta Mulher</u>	2 falas
<u>Sexta Mulher</u>	1 fala
<u>Sétima Mulher</u>	1 "
<u>Oitava Mulher</u>	1 "
<u>Nona Mulher</u>	1 "
<u>Décima Mulher</u>	1 "
<u>Décima Primeira Mulher</u>	1 fala

Este conto faz parte do livro "Rua".) x

UM

A

DIA.

Rua.

FUNDO: INTENSO MOVIMENTO.

Um

Travelling

(microfone 1)

Primeira Mulher... Então que me dizes da escandaleira?

Segunda Mulher ... Que escandaleira?

Primeira Mulher... A Idalina! Foi ontem... A mãe a cuidar
que era doença, obriga-a a ir ao médico...

Segunda Mulher... Palavra?

Primeira Mulher... É o que te digo! Mas bem feito, que é
para aquela sendeira não ser asna. A sua
Idalina? Credo! Não lhe toque, Madalena.
Ora aí tens!.....

Dois

As duas mulheres páram.

Primeira Mulher... Bem, então adeus, filha.

Segunda Mulher ... Adeus...

(Beijinho)

Segunda Mulher ... Querida.

(Beijinho)

Segunda Mulher ... Até depois.

SE MU Afasta-se .

B

Loja de Leonor.

Porta com

Cortina como as dos talhos.

FUNDO : INTENSO MOVIMENTO, OUVIDO

ATRAVÉS DA PORTA.

UM

TRAVELLING

PR MU passa porta, entra loja.

PR MU Percorre espaço até balcão.

Primeira Mulher - Bom dia! - Então a senhora Leonor já saiu a grande novidade?

Dois

PR MU chegou Junta de LE. Pára

Leonor - A Idalina? Se olhasses para a tua vida! Se trattasses de dar ciação aos filhos! Nem os ciganos!... Só tens língua!

Primeira Mulher - Olhe lá não a coma! Sempre a gente vê cada uma! - A como são as nespares?

Leonor - A seis.

Primeira Mulher - Tenha juízo! Pensa que vou roubar?

Leonor - Pega ou larga. Quem te obriga?

DOIS

Fim da tarde.

Loja de LE.

Porta fechada.

FUNDO: MOVIMENTO DA RUA

MENOS INTENSO QUE EM UM,

E OUVIDO ATRAVES

DA PORTA FECHADA.

Caixa registadora fecha,

tilinta.

LEONOR - 25 e 5, 30... 35, 40. E obrigada, rapariga.

Julia - Obrigada sou eu, senhora Leonor; desculpe vir já com a porta fechada, mas a padaria não me dá descanso.

Leonor - Nem a ti a padaria, nem a mim a loja. Bem, a loja e o coração: não posso dar dez mil passos dum arranque.

Julia - Domingo, venho fazer-lhe companhia.

Leonor - Vem. Já tenho a máquina de costura arranjada. Se quiseres...

Julia - Tenho "côrchet". Obrigado. Mas faço-lhe companhia.

Leonor - Já não é a primeira vez nem a segunda.

Tu és minha amiga. Es, sim senhora.

Julia-Então, mas vóssemece não tem ninguém,
ninguém de seu?...

Leonor-Ninguém. Tenho quem vem à loja. Pas-
so meses a fio a ouvir as novidades
do bairro. Também... sou um túmulo.
Alviareiro que me apareça... Não
há pôr onde as más vozes caiam com
menos ruído que nos meus ouvidos.

Julia-Sim. De vóssemece ninguém leva nem
traz. (Tem um riso) A bisbilhôdice
que vóssemece levantou no bairro,
quando, para cá veio e se estabele-
ceu!...

TRES

Pensão, Recepção.

Eventualmente, FUND:

SALA DE JANTAR, EM

HORA DE SERVIÇO DE

REFEIÇÃO AFASTADA:

microfone 2

HOSPEDE- Dava-me a chave do 22, por favor.

RECEPCIONISTA- 22... Está lá em cima. Devem estar a
arranjar-lhe o quarto.

HOSPEDE- Correio, não tenho?

RECEPCIONISTA- Correio, não tem.

HOSPEDE- Obrigado.

RECEPCIONISTA- O senhor desculpe... enfim... se é
indiscrição. Mas... conhece a velha-
ta da fruta, aqui em frente, com quem
falava há bocadinho?

HOSPEDE- Muito bem, Quem é que não conhece a
Lerner Viajada?

QUATRO

Continuação de DOIS.

Mesma localização.

Mesmas circunstâncias.

Mesma sonorização.

("Insinuou maliciosamente...
que era atrevida")

JULIA- Mas se não tem ninguém, quem é que lhe vai herdar a fortuna?

LEONOR- O primeiro garoto que passar. Come estes passeios num abrir e fechar de olhos.

JULIA- Mas vossemeccê há-de ter o seu vintém!

LEONOR - Tenho. E não é só um, são dois...

CINCO

Continuação de TRES

Mesma localização.

Mesmas circunstâncias.

Mesma eventual sonorização.

RECEPCIONISTA- Leonor "Viajada" ?!

HOSPEDE - Sim. - Então como é que ela se chama aqui?

RECEPCIONISTA- Leonor, só.

HOSPEDE - Ah...

RECEPCIONISTA- Leonor..."Viajada" ...?

SEIS

RUA.

FUNDO: INTENSO MOVIMENTO.

TERCEIRA MULHER - Leonor "Viajada" ?!

QUARTA MULHER - Diz que sim...

SETE

+ este diálogo

Interior duma casa.

QUINTA MULHER - (Projecta) - Ah, espera!

Outra pessoa para.

QUINTA MULHER - (Projecta) - Vais à Leonor Viajada e trazes um quilo de cervejas.

ITO

RUA.

FUNDO: MOVIMENTO. Se
possível, bastante
diferente da fundo
até aqui utilizada.
Como se tratasse
de outra rua.

SEXTA MULHER- Então adeus, filha; que ainda quero
dar um saltinho à Leonor Viajada...

NOVE

Interior duma casa.
SE MU Em aproximação.
rápida.

SÉTIMA MULHER- Que maçada esta, que não se arranjam
morangos em parte nenhuma. Nem na
Leonor Viajada.

DEZ

RUA.

FUNDO: MOVIMENTO. Se
possível, diferente.

OITAVA MULHER- Na Leonor Viajada ?

NONA MULHER- Pois. Uns peros lindos.

ONZE

RUA.

FUNDO: MOVIMENTO. Se
possível, diferente.

DECIMA MULHER- Onde é que tu estavas, mulher?

DECIMA PRIMEIRA MULHER- Fui à Leonor Viajada.

DOZE

Casa LE. Interior.
Máquina de costura
trabalhando.

JULIA- E porque é que lhe chamam Viajada?

Máquina pára.

LEONOR - Tu não sabes ?

JULIA - (CHEIA DE CURIOSIDADE) - Não.

Breve tempo. Depois:

Máquina trabalha.

Um tempo depois:

Máquina pára.

Breve tempo. Depois:

LEONOR - Quantos anos tens ?

JULIA - Dezanove.

LEONOR - Ainda namoras aquele baixinho de óculos?

JULIA - Casamos para o mês que vem.

LEONOR - Palavra ?

JULIA - A sério!...

LEONOR - Que faz ele?

JULIA - É tipógrafo.

LEONOR - O meu era sapateiro.

Máquina trabalha.

LEONOR - Vinha-me esperar à saída da fábrica. - "Muito boa tarde"! - e eu até estremecia. - "Boa tarde"!

Máquina pára.

LEONOR - Lá arranjava, que estava sempre à saída. A primeira vez nenhuma das companheiras reparou. Só no segundo dia é que a Lúcia, uma amiga minha, me disse, mal o viu à porta : - "Aquele santinho quer-te alguma coisa ? Não tira os olhos de ti!..." - "Sei lá" .

Máquina trabalha.

LEONOR - E à fé do coração não sabia. Tinha apenas dançado comigo num baile da Associação, e tudo quanto me disso entrou-me por um ouvião e saiu-me por outro.

Máquina pára.

LEONOR- Era uma história complicada, com amor, paixão, felicidade, e mais coisas que nem convia. Como havia eu de ouvir e de entender ~~nada~~, se andava fora de mim, longe do mundo, tonta das valsas e da alegria?

Máquina trabalha.

LEONOR- Depois da resposta que dei à Lúcia, e de ele me azucirar três meses a fio, é que entendi ao certo a conversa. Estava apaixonado e pretendia casar comigo. E eu então disse-lhe que também gostava dele, e que se andava com boas intenções...

JULIA- Quantos anos tinha a senhora Leonor?

Máquina pára.

LEONOR- Dezoito. Mas era uma rapariga! Agora já se não vê... A velhice leva tudo. Bonita, mas bonita! Demais, até...

JULIA- Demais?!

LEONOR- Sim. por ser bonita demais é que me perdi. Fiei-me nos encantos... Iludi-me... Se eu fosse feia ou igual às outras, podia ter o que elas tiveram casa, filhos, e o resto... Assim...

JULIA- Então mas não se casaram?

LEONOR- Casámos... Mas enganei-o logo a seguir... Éramos pobres. Para tratar dele sem deixar a fábrica, precisava de trabalhar dia e noite. Não sei porquê, tinha imaginado uma vida diferente, sem capataz, sem panelas, sem remendos...

Comecei a desanimar, a desanimar...

JULIA- Não gostava dele?

LEONOR - Gostava... As mulheres ninguém as entende! Sonhara mundos e fundos, e afinal morava numa casa da Baixa,

húmida, acanhada, velha... A mãe dele entrevada... Um fornecedor recusou-se a fiar mais... tanta miséria, que quando o outro me veio com promessas douradas, não resistiu...

JULIA - Era rico?

LEONOR - Muito. E realmente poucas nas minhas condições teriam coragem de fugir à tentação. Só isto: Lisboa, um andar na Avenida, criadas, teatros... Que a prometer ninguém é gago, minha filha... E então uns modos, uma delicadezas... (PAUSA) Não se pode calcular... Parecia o diabo a tentar-me... É por isso que às vezes a gente faz mal em censurar cabeçadas assim... Não se resiste.

("Ainda ao cabo de tantos anos a lembrança da sedução a perturbava")

("Havia naquele "não se resiste" qualquer crise de irremediável, de submissão, de invencível condenação feminina, que a Júlia só entendeu confusamente. Numa solidariedade instintiva, alinhou-se à outra")

LEONOR - Fugi. Lembre-me como se fosse hoje. O desgraçado a bater sola em baixa, e eu a arranjar as minhas coisas em cima. Jantámos como das outras vezes, ele foi dar uma volta, e, quando chegou, estava sem mulher!... E era bom rapaz.... A consciência que não merecia aquilo! Mas o diabo da mocidade e da ilusão...

(UM SILENCIO)

JULIA - E ele? Deu-lhe realmente tudo o que lhe prometeu?

LONOR - Agora!

Máquina trabalha.

LEONOR- Um mês depois punha-me no olho da rua, como uma cadela.

Júlia - (indignada) - Deixou-a ?!

LEONOR- Tive de abalar. De contrário, dava cabo de mim.

JULIA- Batia-lhe

Máquina pára.

LEONOR- Tu espantas-te? ! Bem se vê que não conheces o mundo. Se as coisas fossem como a gente as imagina, é que era para admirar. Servi-lhe enquanto lhe servi. Depois... deu-me um pontapé. Nem quero que me lembre o que passei nesses meses em Lisboa! Desde fome a prisão... A vida é muito reles, muito dura' Ninguém faz ideia do que é uma pessoa encontrar-se no meio dum grande cidade, sozinha, de mãos a abanar, sem saber como há-de arranjar uma côdea de pão' Só quem estiver muito apegado à vida é que não mete a cabeça debaixo dum carro electrico, e acaba ~~ali~~ com tudo dum vez.

("E no rosto da Júlia havia ao mesmo tempo dúvida, espanto e desespero")

JULIA- E não tinha nada, nada?

LEONOR- A roupa que trazia vestida... e o corpo, claro... - Não chores, mulher! Não chores, que não vale a pena . Conto-te isto tudo

cá por coisas, e para que tu saibas o que é
este mundo.

JÚLIA- Eu não conhecia ninguém a quem se dirigisse?

LEONOR- Só os amigos dele, que eram da mesma laia.

De maneira que quando chegou a noite entre
guei-me ao primeiro que me apareceu... Co-
mo a gente não morre de vergonha é que
me admira'. Mas não. Fui com esse e com
todos quanto depois quiseram. A necessida-
de obriga-nos a tudo. Ao que uma pessoa é
capaz de descer' O último foi um escritor.
E bom sujeito, afinal. Vendeu-me, a bem di-
zer, quando se fartou e já lhe não servia
para modelo, mas ainda foi do melhor que
encontrei. Ao menos em certas horas, quan-
do trabalhava, havia nele qualquer coisa
que o distingua dos mais... Nem parecia
o mesmo. Até me esquecia que estava nua
à sua frente, de tal maneira o via trans-
figurado' E de valor'... Diziam, que eu
não sei. Artista... Ora isto de artistas,
fora lá das cousas do ofício, é uma gen-
te que tanto se lhe dá como se lhe deu .
Era meu amigo, gostava de mim, mas preci-
sou de dinheiro, pronto...

JÚLIA- Vendeu-a?

LEONOR- Ou deu-lhe as mesmas voltas. Sabia que um
sujeito que fornecia uma casa do Rio de
Janeiro,

estava em Lisboa... Emfim, vim mais tarde a saber que recebeu um conto e quinhentos...

JÚLIA - E vossemeçê?

LEONOR - Eu deixei correr. Que me importava a mim ter aquela vida em Lisboa, ou noutra terra qualquer? Desde que não fosse na minha...

JÚLIA - Tinha lá mãe?

LEONOR - Pai e mãe. Filha única.

(UM TEMPO)

(DEPOIS)

Máquina trabalha.

Longo tempo.

"A vendedeira... calou-se.

E a Júlia acompanhou em respeito aquele silêncio. Mas ao fim de algum tempo viram ambas que era impossível permaneceres assim em semelhante encruzilhada")

JÚLIA - O Rio dizem que é bonito...

Máquina pára.

LEONOR - Muito. Mas não há-de ser visto como eu o via então. Agora, daqui, é que verdadeiramente dou conta da altura do Corcovado e da grandeza de Copacabana. Com os olhos de hoje, mesmo cansados, é que eu gostava de admirar a baía de Guanabara e passar na Tijuca. As coisas, por mais estranho que pareça, se a gente não tem cá dentro alegria para as sentir, desmerecem muito. Mas que é bonito, é! E foi lá, afinal, que ainda tive o único bocadinho de felicidade que a vida me deu... - Foi ... um filho...

JÚLIA - (Alvoracada) - Não me diga!

LEONOR - Um homenzarrão! Mulatinho... O pai era um negro de São Paulo. Tão rico, que não sabia o que tinha de seu! Quando viu o filho, cidiu que ficava doído. Se me não morre, talvez eu não estivesse hoje aqui. Por azar, teve o garotilho, e o médico não lhe deu a injeção a tempo... O que eu sofri! Nem me quero lembrar... Em todo o caso foram dois anos bonitos! Era daquela cor, sempre tinha pena, mas depois esquecia-me e queria-lhe como se tivesse nos braços o menino Jesus. Lá ficou...

JÚLIA - (Curiosa e retulante) - E o preto? viviam juntos?

LEONOR - Olha juntos! Não. o filho nasceu porque tinha de nascer; e o pai veio vê-lo porque lhe escrevi...

JÚLIA - Continuou ao menos a fazer-lhe bem, depois disso?

LEONOR - Desde que o pequeno morreu nunca mais o vi. Os homens são iguais em toda a parte. Tanto faz serem brancos, como amarelos. Com tanto dinheiro, era só meter a mão no bolso. E tanta vontade tive, quando perdi a criança, de voltar a Portugal! Mas quê? Aguentar a cara alegre! Deixei, deixei, dois anos depois, aquela maldita casa, mas fui para ir armar a tenda no interior... Em Minas.

JÚLIA - Saiu do Rio!?

LEONOR - (Fesignada) - Pois saí, ao fim duns anos sai-se sempre. Começa a via-sacra pelas cidades da província. Belo Horizonte, Ribeirão Preto, Cataguases, Leopoldina, Juiz de Fora...

Então porque é que eu sou a Leonor
Viajada?

Júlia - A senhora Leonor, não conte, não
conte mais!...

LEONOR - Conto. Já agora ficas a saber o res-
to. Encarreiradas, como hoje, nunca
confessei estas coisas a ninguém. Mas
a ti, mais dia, menos dia, tinha de
ser... ouve, que já falta pouco. -
De Cisneiros já não podia descer ma-
is. Ia em quarenta anos; e com quaren-
ta anos;... Trabalhar? Confesso que
nunca fui muito amiga de trabalhar.
Feitiços... Louvado seja Deus que lá
encontrei, por fim, uma alma cari-
dosa que me valeu. Um bêbado! Entrou
na sala a cair, viu-me a ouvir dum
soldado caídas que nem se podem di-
zer, chamou-me de parte, e aconse-
lhou-me: Vá-se embora! Volte para a
sua terra. Não esteja aqui!.. - Sal-
taram-me as lágrimas aos olhos. -
"Com quê?", respondi-lhe, a soluçar.
- "Tome lá" - Cinco contos de réis?
Vim a saber no dia seguinte que era
um homem sem posses, que vendera um
sítio para pagar as dívidas, e que
só lhe restava aquele dinheiro. Car-
regou-lhe o vinho e coração, e foi
quanto tinha no bolso! Ainda o preocu-
rei para lhe dizer que não queria, mas
depois de falar comigo desapareceu.
Nem o nome lhe sei!.

JÚLIA - (com sofreridação) - E veio?

LEONOR - Se vim! Era a minha paixão. Voltar, e
passar o resto da vida sossegada no
meu canto, onde ninguém me conhecesse.
Um mês depois, estava na terra.

("Sentiam ambas necessidade de se
libertarem do pesadelo. E a melhor
maneira de o conseguir era realmen
te chegar ao fim.

Ajudaram-se por isso mutuamente.

JÚLIA - E o seu homem ainda era vivo?

LEONOR - (Com um sorriso de tristeza) - Ainda.

Mas eu, quando dizia terra, queria dizer Portugal. À outra nunca mais lá fui, nem vou. Só se for depois de morta.

JÚLIA - E então como soube que ele ainda vivia?

LEONOR - Por uma desgraçada igual a mim. Mais nova, já se vê... Ao chegar a Lisboa, a primeira pessoa que encontrei foi a pobre Virginia. Era garota quando eu era papariga... Ainda a estou a ver a roubar caçanhas a uma mulher que se vendia à porta do Roxo. Fina como um coral! - "A caçupa, tu que levas aí?" - "Línguas de perguntador" - A mãe, coitada, não via mais ninguém no mundo. Afinal, cresce, e vou encontrá-la em Lisboa a morrer de doença e de miséria! - Tiye de lhe valer. Reparti com ela o que me sobrou da viagem, e vivemos algum tempo desse pouco, à espera de outro malague. Mas . . . Mas o destino, às vezes, enfermisa-se contra a gente. E acaba duns meses tivemos ambas de voltar à má vida. A mim já ninguém me queria só mesmo por desfastio. A ela, sim, todos a procuravam. Nova, jeitosa... Quando a freguesia aumentou, algumas outras infelizes juntaram-se a nós... O costume. - Como era eu quem dirigia, ficou a Casa da Leonor Viajada. O tratante que me seduziu é que foi o autor da pulhice do nome. Pôs-me apenas soube que vim. Pegou logo!

("E a Leonor romatou,
dum fôlego e numa voz
calma e doce o resto
da sua história".)

Para o escárnio e para a maldade, nunca faltam cívidos. Não havia cão nem gato que não me conhecesse e não conhecesse o número da porta. Sete anos que ainda lá estive... Até que a Virgínia envelheceu também. Chegara a vez dela... Recebi três contos de réis, meti-me no comboio e vim abrir esta lojinha aqui. - Não esperavas por isto?! Não calculavas que pudesse haver tanta desgraça na vida duma pessoa?! Pois ~~aqui tens~~^{a verdade}... E de ser do jeito que foi, não te aflijas. A gente lava-se de tudo. É só chorar o que eu chorei...

-FIM-



D.S.P.
R.P.L.

Programas com composição

FOLHA DE PRESENÇAS

Título do programa (Minicena - II) Lecionar. Referência N.º/R.P.L. 400
N.º S.P.P.

Episódio N.º

Datas da gravação 28 de Maio de 1975 às 16.45 horas.
da 1.ª emissão 2 de Junho de 1975 Programa 12-13/15

Director artístico

Francisco Góes

P.A. J. G.

ELENCO DO PROGRAMA

Nome dos artistas ou vozes	Figuras	Rubrica dos intérpretes
Alice Paes	Lionor	Alice Paes
Angela Ribeiro	Lídice	Angela Ribeiro
Álvaro Faria	Actor-mimista	Álvaro Faria
Márcia Carvalho	Habilidosa	Márcia Carvalho
Gracca Vitoria	1.ª e 2.ª mulher	Gracca Vitoria
Adeleneide Soárez	2.ª, 5.ª, 9.ª mulher	Adeleneide Soárez
Lídice Rose	3.ª, 7.ª, 11.ª mulher	Lídice Rose
Anabela Matos	4.ª, 6.ª, 10.ª mulher	Anabela Matos

Pessoal da Emissora Nacional

Produtor

Locutor

Captação

Gravação

Visto do Chefe da S.P.P.

Lisboa, 28 de Maio de 1975

de 1975